

## **O EXÍLIO NO NOVO MUNDO. JOSÉ RODRIGUES MIGUÉIS, O “COMPANHEIRO POMBO”**

*Luís Farinha*

### **Ei-lo que parte**

“E a peregrinação recomeça, indefinidamente”<sup>1</sup>

O exílio de José Rodrigues Miguéis – que talvez seja mais um autoexílio ou um expatriamento –, tem o mérito de nos colocar perante a ocorrência de um fenómeno histórico repetitivo na história portuguesa – o do homem de cultura “estrangeirado” que inicia esse êxodo com um Damião de Góis ou com um Luís António Verney –, por sentir estreitas as amarras da miséria e da pequenez nacional –, mas que encarna o espírito do seu tempo de forma empenhada e combativa: do humanismo de Góis ao Iluminismo de Verney vai um passo de tempo curto, e pouco menor que aquele que os separa da luta democrática, socialista e antifascista do tempo de Rodrigues Miguéis.

Partem porque no país os constringe a pobreza, a miséria e a ausência de liberdade para acompanharem as novidades intelectuais e culturais do seu tempo. Empenham-se cultural e politicamente na pátria de adoção e raramente voltam, porque se voltassem (ou

---

<sup>1</sup> MIGUÉIS, J. Rodrigues – “Peregrinação”. *Alma Nova*, n.º 4-6 (dezembro-março 1923), p. 74.

quando voltassem) raramente o país se disporia a aceitá-los e a aprovar-lhes a “fuga”.

No entanto, Miguéis já tinha feito a sua escolha entre as “duas culturas” que, no início da década de 30, opunham “publicistas” e jornalistas a escritores empenhados. E esse confronto ocorrera na *Seara Nova*, opondo a António Sérgio a cultura nova do escritor comprometido com o marxismo e com a via comunista que intelectuais e políticos, como Álvaro Cunhal e Mário Dionísio, entre outros, afirmavam em *O Diabo* ou em *Sol Nascente*.

### **De onde vem? Para onde vai? Porque parte?**

Rodrigues Miguéis aportou ao Novo Mundo no verão de 1935, depois de uma anterior estadia na Bélgica, como bolsheiro da Junta de Educação Nacional. Quando partiu, a PVDE apressou-se a registar-lhe o cadastro de desafeto: era “um professor comunista” que casara em 1932 com Pesea Cortnoi Miguéis, de origem romena, de quem mais tarde se dirá que “faz propaganda dissolvente e proclama o amor livre”. Para mais, já depois de divorciada, Pesea manteria relações estreitas com Manuel Mendes, animador do “Núcleo Socialista de Lisboa”.

Rodrigues Miguéis naturalizou-se americano, mas sempre que veio a Lisboa (em 1946, 1951 e 1959), para além de ordem de prisão, a PIDE mantém-lhe o mesmo cadastro: “Americano por naturalização, José Rodrigues Miguéis está referenciado por desafecto à situação”.

Porque decidiu então Rodrigues Miguéis deixar o país e estabelecer-se no Novo Mundo? Na verdade, não há notícia de perseguições policiais violentas nos cadastros policiais<sup>2</sup> nem cortes da censura que tenham inviabilizado a sua intervenção na *Seara Nova*, o seu núcleo central de trabalho pelas décadas de 20-30. É

---

<sup>2</sup> O Arquivo da PVDE/PIDE tem dois processos de Rodrigues Miguéis: Proc. 3040-SC/CI (2) – 7246; Proc. 160/GT, ambos pouco significativos. RM é aí referenciado como “naturalizado americano”.

certo que certas experiências editoriais em que colaborou estariam condenadas ao desaparecimento, logo à nascença, como aconteceu com o jornal *O Globo*, de que saíram dois números em 1933, dirigidos por si e por Bento de Jesus Caraça. Também é verdade que, para o apelidar de comunista, a Polícia de Vigilância e Defesa do Estado servia-se do facto de, com Manuel Mendes e Bento de Jesus Caraça, Rodrigues Miguéis preparar Conferências na Universidade Livre. Era também conhecida a sua atividade cooperante na “Revolta de 7 de fevereiro de 1927”, ao lado de Aquilino Ribeiro, bem como na “Revolta de 26 de agosto de 1931”. Mas, curiosamente, a polícia política não conseguiu na altura referenciar essa implicação ou não lhe deu a importância devida.

A polícia da ditadura aponta-o como comunista, mas não o prende, a não ser mais tarde quando regressa dos EUA em 1959, por algum tempo. Os seus companheiros seareiros e reviralhistas demandam o exílio espanhol ou francês, mas José Rodrigues Miguéis não os acompanha. Por outro lado, depois de 1933, muitos comunistas escolhem a clandestinidade e alguns dos seus “compagnons de route”, intelectuais ou estudantes, optam pelo combate resistente à prisão e à censura no interior do país e pela produção intelectual amputada nos meios culturais portugueses. Ora, de facto, só poucos portugueses da sua geração podiam aliar de forma tão completa o cosmopolitismo europeu ao enraizamento na cultura portuguesa – que tão brilhantemente realçou em obras como *A Escola do Paraíso* ou *O Milagre Segundo Salomé*. Mas também não será esta a opção de Rodrigues Miguéis – a de ficar –, apesar de serem conhecidas colaborações esparsas no jornal *O Diabo* e noutras publicações, durante a década de 30.

Então por que razão se autoexila Rodrigues Miguéis?

Desconhecemos a componente biográfica mais pessoal que o faz aceitar o convite de Camila Miguéis, sua segunda mulher, para demandar Nova Iorque em 1935 e que poderá ter sido decisivo, ao

ponto de, como afirma<sup>3</sup>, ter deixado de ir a Paris, por escolha dos seus pares, ao Primeiro Congresso dos Escritores em Defesa da Cultura, realizado nesse mesmo ano.

No entanto, Rodrigues Miguéis deixou pistas para a compreensão dos motivos objetivos desta escolha pelo Novo Mundo. Desde logo, um texto que mais parece um manifesto, e que dá a lume na *Gládio*, em 31 de janeiro de 1935, com o título “A Mensagem da Juventude”. Aí afirma que são “Tristes os que teimam em chupar a ponta murcha de um seio que já deu leite – e desconhecem o amargor saboroso dos frutos proibidos(...)”. São outros os tempos, outras deverão ser as respostas: “A terra mais dura, mais hostil a natureza, mais frequentes os perigos. Embora! De dentes cerrados e mão mais firme, vamos talhando a rocha (dentro de nós e fora de nós), vamos rompendo o caminho.”<sup>4</sup>

Impossível não ver aqui a conclusão definitiva da polémica que manteve, durante todo o ano de 1930, com Castelo Branco Chaves, com António Sérgio e com todo o corpo redatorial da *Seara Nova* e que, definitivamente, o afastou do idealismo *sergiano* dominante naquele agrupamento cultural e político<sup>5</sup>. À alegada eficácia da cultura literária da “Geração de 70” – de que eram herdeiros os seareiros – Rodrigues Miguéis contrapunha a ineficácia das belas palavras e dos clamores e lamentos para combater a abominação do fascismo que impunha uma violência intolerável aos homens da cultura por toda a Europa. E Rodrigues Miguéis sabia do que falava, porque teria oportunidade de conhecer de perto o ascenso do fascismo alemão e os preparativos

---

<sup>3</sup> “Breve Encontro com Malraux”. In *O Espelbo Poliédrico*. Lisboa: Editorial Estampa, 1983, p. 106.

<sup>4</sup> “A Mensagem da Juventude”. *Gládio*, 31 de janeiro de 1935.

<sup>5</sup> A polémica foi desencadeada pela resposta de JRM a um artigo de Castelo Branco Chaves intitulado “O Conceito da Revolução em Eça de Queirós”. *Seara Nova*, n.º 205 (20 de março de 1930), p. 201-203. O repto de JRM, intitulado “Sobre os fins e a coragem nos meios de actuar” foi publicado em duas partes, *Seara Nova*, n.º 220 (18 de setembro de 1930), p. 58-61 e *Seara Nova*, n.º 222 (2 de outubro de 1930), p. 87-90.

da nova Guerra Mundial durante a sua estadia belga (1929-1931). Em “Sobre os fins e a coragem nos meios de actuar” afirma sobre a cultura dominante em Portugal:

“A verdade é que, com raras exceções, esses homens fizeram dos seus apostolados, das suas lutas, simples exercícios espirituais – duelos, diálogos, controvérsias para raros, prolongados corps-à-corps culturais (...). A multidão, o povo, se preferem, desapareceu quase por completo dos seus escritos – o povo que é o instrumento e deve ser, em democracia, o terreno e o fim das grandes lutas e renovações sociais. A reforma da mentalidade não pode estar na simples especulação de ideias, nos torneios isolados em que os adversários se vão rendendo ou tombando – mas na condição harmoniosa e total das massas aos objetivos da renovação nacional”.

Miguéis passou a ser, evidentemente, um heterodoxo seareiro que o corpo se apressou a marginalizar através das intervenções de António Sérgio, que lhe apontou uma *“incompatibilidade fundamental – que não é aqui uma incompatibilidade de ideias, mas de atitudes e orientação”*. Rodrigues Miguéis, um *“nobre moço”*, passaria na altura por *“uma crise de consciência moral”*, segundo o “mestre”. Sérgio revelava ainda nesse artigo que Miguéis havia manifestado *“um certo pendor para o bolchevismo”*, numa sua conferência a que assistira em Paris<sup>6</sup>.

Assim era de facto, como bem se pode perceber pelos inúmeros manuscritos da primeira metade dos anos trinta que hoje é possível consultar no espólio de Miguéis depositado na Biblioteca Nacional,

---

<sup>6</sup> SÉRGIO, António – “Sobre uma crise de consciência”. *Seara Nova*, n.º 231 (29 de dezembro de 1930), p. 232-233. Em outubro desse ano, também já o mesmo António Sérgio, acompanhado de Jaime Cortesão e de Raul Proença, na altura em Paris, tinham feito publicar na revista “A Seara Nova e o Conceito de Revolução”, em que se distanciavam claramente de Rodrigues Miguéis. Cf. *Seara Nova*, n.º 224 (30 de outubro de 1930).

em Lisboa. Denunciava às elites republicanas críticas – seareiros, esquerdistas, socialistas –, o facto de não terem percebido a natureza do fascismo, que consideravam uma especificidade da realidade italiana, quando, na verdade, segundo Miguéis se podia perceber, desde muito cedo, que as ditaduras peninsulares não eram simples “militaradas” e que o “fascismo era o começo de uma crise política de repercussões mundiais” a que nenhuma “União Cívica”, sem programa, e idealizada à margem da política e dos políticos poderia dar alguma vez resposta cabal<sup>7</sup>. O erro, segundo Miguéis, foi o de não ver “na Ditadura um cancro intestinal fascista, mas uma militarada grosseira”. Ninguém foi capaz de ver isso: perante o golpe, o movimento operário e socialista claudicou e o Revirvalho, vencido, permaneceu inebriado no “ópio da conspiração demagógica”, ou da “conspiração bizantina”<sup>8</sup> e inconsequente, por mais de três décadas.

Num manuscrito datado, com alguma incerteza, de 1931 ou 1932<sup>9</sup>, Miguéis mostra como, através do materialismo histórico, o marxismo lhe parece a doutrina mais adequada para analisar a fascização da Europa e a forma de lhe dar uma resposta democrática. Reflete aí sobre a desigualdade social e económica dos contextos nacionais, sobre a derrota da revolução socialista na Alemanha e na Hungria e sobre a necessidade de, através da luta de classes e da educação socialista das massas, acelerar a evolução para o estado socialista, através de um processo revolucionário. Por esta altura, adotara, sem dúvida, o marxismo como doutrina política; não podia, pois, estar mais longe dos seus amigos seareiros, no início da década de 30.

---

<sup>7</sup> Rodrigues Miguéis referia-se evidentemente, à União Cívica idealizada pelos Serareiros a partir de 1923 e a que ele próprio aderiu. Cf. “Unir”, manuscrito de JRM, 1938 (?), BNP, Espólio FR 132, bobine 5.

<sup>8</sup> Rodrigues Miguéis faz um interessante retrospecto desses anos trinta numa carta que deixou manuscrita, datada de 6 de fevereiro de 1959, intitulada “Perfil de um Regresso” BNP, Espólio FR 132, bobine 6.

<sup>9</sup> Cf. “As etapas da Revolução”, 1931 (?) 1932 (?), BNP, Espólio FR 132, bobine 5.

Havia então lugar em Portugal para homens como Miguéis, em meados da década de 30? Definia-se como um socialista e um democrata, de inspiração marxista, um intelectual empenhado politicamente, patriota mas não nacionalista (ou colonialista e guerrista).

Não parece que houvesse, apesar dos numerosos grupos de jovens intelectuais que, pelo início da década de 30, se deixavam inspirar pelo compromisso de intervenção social e política de inspiração marxista. Estaria disposto a “viver perigosamente”, a assumir as suas posições numa “época de conflitos, gumes e definições”, mas não abdicando das suas convicções, que faz questão de dizer que sempre manteve intactas. Para além do “camaleonismo socialista” e do “apoliticismo” generalizado das massas, restavam dois campos antagónicos aos portugueses: o comunismo e o fascismo. Ao fascismo reservava o seu combate mais árduo; ao comunismo uma compreensão e empatia que o levou a proximidades indiscutíveis, especialmente depois da “vitória de Estalinegrado”. A propósito da sua possível filiação comunista conta uma pequena história que talvez possa ser ilustrativa. Convidado por um amigo para uma “entrevista” com Georges Duhamel – um dos convidados de honra que António Ferro trouxe a Portugal para “beatificar” a Ditadura Salazarista –, e estando também presentes Bento Caraça, Manuel Mendes e Câmara Reys, Miguéis terá sido interpelado pelo visitante francês sobre se era comunista, pergunta que terá sido feita a todos os presentes. “Ninguém o era, evidentemente”, aclara Miguéis na sua crónica “De como Duhamel procurou salvar-me”<sup>10</sup>. A duplicidade da leitura não permite, evidentemente, um juízo definitivo. Como, muito provavelmente, também não permitiria ao próprio Rodrigues Miguéis por essa altura, quem sabe... Que era ser comunista em Portugal em meados dos anos 30? Um revolucionário perigoso assim designado pela polícia por esta não ter outro nome

---

<sup>10</sup> MIGUÉIS, Rodrigues – “De como Duhamel procurou salvar-me”. In *Espelho Poliédrico*. Lisboa: Editorial Estampa, p. 112.

feito para lhe dar? Por exemplo, judeu? Um leitor do marxismo que era empurrado para os caminhos do comunismo por não haver lugar para os socialistas revolucionários? Um “estrangeirado” no seu próprio país?

Se alguma coisa de interessante tem o percurso político e cultural de Rodrigues Miguéis nestes anos é o de poder servir-nos de objeto de estudo para a compreensão do que podia ser um intelectual marxista em Portugal, no início da década de 30. Não o ligariam ao marxismo formas orgânicas propriamente comunistas, até porque o Partido Comunista era, por essa altura, uma força diminuta e de contornos ideológicos pouco consistentes. No marxismo, estes intelectuais buscavam antes o compromisso político da palavra, ou seja, a eficácia da ação pedagógica e doutrinária junto das grandes massas. No *Globo*, um projeto efêmero que partilhou com Bento Caraça, afirma-se: “Na verdade, nem a razão, instrumento supremo, nem a vontade de justiça estão em crise. O que está em crise na Europa e no mundo, é a estimação dos meios de impor a razão e de multiplicar a justiça, superestruturas de um mundo social cujas bases se decompõem rapidamente. O que a Europa e o mundo reclamam dos intelectuais – é a coragem de assumir a responsabilidade de soluções capazes de integrar mais profundamente a Razão e a Justiça na existência comum dos homens. (...) Se em vez de se lançarem comicamente, quixotesicamente, *à la recherche de l'absolu*, eles tivessem a coragem, aliás fácil, de se voltarem para o real, e de aí buscarem as origens e os remédios dos nossos males – melhor teriam merecido os homens”<sup>11</sup>.

### **Exílio no “Novo Mundo” – o escritor comprometido**

Instalado em Nova Iorque, e apesar de todos os cuidados requeridos por uma situação precária de emigrante sem trabalho certo, Miguéis embrenha-se arduamente na luta política antifascista que, pela altura,

---

<sup>11</sup> Cf. *O Globo*, Lisboa, n.º 2 (novembro de 1933).

opunha os “defensores” do nazismo e os seus opositores, através do apoio às duas facções em confronto na Guerra Civil de Espanha. Na fase acesa da guerra – o ano de 1937 –, quando em Portugal e no exílio se organizava a Frente Popular Portuguesa –, o “Camarada Pombo”, nome de combate de Rodrigues Miguéis, empenhava-se decididamente na estratégia de luta antifascista pelos meios que tinha à mão: a organização e defesa dos trabalhadores das docas, através da criação de uma espécie de organização clandestina – o *Portuguese Workers’ Club*, situado em Greenwich Village – rapidamente descoberto pela polícia, como organização clandestina. Ficaram desta experiência de Miguéis figuras reais ficcionadas de um valor documental e literário indiscutíveis: avultam *O Natal do Clandestino* ou ainda *Cosme de Riba D’Ouro*, (in *Gente de Terceira Classe*), esse exilado de um país onde se lhe tornava difícil respirar e onde descobrimos partes inteiras de Miguéis: dantes, no seu país, lutara com palavras. “Mas as palavras já não chegam”, diz Cosme, um meio alter-ego de Miguéis.

Colaborava assiduamente com o jornal novaiorquino *La Voz* e com o *UNR* – jornal da Frente Popular Portuguesa – com o pseudónimo de “José Pombo”, ao mesmo tempo que ativava em Nova Iorque uma frente de combate internacional contra o fascismo e pelo apoio à causa republicana e socialista em Espanha. É nesta qualidade que, ao lado Earl Browder (Secretário do Partido Comunista Americano), Vito Marcantonio (um líder do Partido Trabalhista) e Angelo Herndon (ativista dos direitos dos negros), entre outros líderes políticos, durante 4 minutos, num *Madison Square Garden* repleto, fala em nome do Grupo Antifascista Português para denunciar a existência de uma base fascista internacional em Lisboa, apoiante dos nacionalistas espanhóis. Apresenta a agressão dos países do Eixo (aliados da Espanha franquista) e a complacência das democracias ocidentais como a base de um enorme *complot* internacional contra a democracia e contra o socialismo e anuncia a constituição de uma Frente Popular Portuguesa, em aliança com a Espanha republicana: da vitória democrática em Espanha dependeria a

libertação de Portugal, da Europa e do Mundo<sup>12</sup>, acreditavam Rodrigues Miguéis e os seus companheiros de luta antifascista.

A denúncia do não intervencionismo de Chamberlain e de Daladier e daquilo a que chama a “vergonhosa abdicação” do “Pacto de Munique” permitirá a Rodrigues Miguéis uma leitura analítica que o ajudará a compreender o posterior “Pacto Germano-Soviético”. Com efeito, intelectuais como Miguéis não viam uma diferença substancial entre o “terror policial” existente nos EUA e em França ou os efeitos brutais do nazismo: a diferença, a existir, era de mera intensidade e efeito. Uns e outros, com gradações diferentes, apenas pretendiam formar “uma coligação internacional contra o socialismo”. Numa carta a Mário Neves, perguntava: “Quem, com efeito, entregou a Espanha a Franco, senão Chamberlain e o Governo Blum-das-famílias? Quem entregou a Hitler a Checoslováquia, impondo-lhe a rendição em três *ultimata*? Quem entregou a Manchúria ao Japão e se lhe prepara para entregar a China, com pequenas restrições? Quem governa a França, senão o “Comité das Forges e as 200 famílias”? Quem há 20 anos prepara a guerra-santa antissoviética?”<sup>13</sup>. Na perspetiva de Miguéis, a Alemanha nazi era apenas a frente avançada que a Europa das democracias empurrava para a guerra contra o comunismo internacional.

Esta era uma análise da política internacional próxima das defendidas pelo movimento comunista internacional e que, de forma quase normal, tornavam Rodrigues Miguéis um bom aliado do Partido Comunista Português, em profunda refundação no início da década de 40. É assim que, em 1941, Miguéis recebe uma carta do reorganizador Júlio Fogaça com a incumbência de facilitar o reatamento das comunicações

---

<sup>12</sup> “Discurso”, *Madison Square Garden*, 19 de julho de 1937, BNP, Espólio FR. 132, bobine 5.

<sup>13</sup> Carta de RM a Mário Neves, Nova Iorque, 28/12/1939. BNP, Espólio FR. 132, bobine 6.

entre o novo partido e a Internacional Comunista, através do Partido Comunista dos Estados Unidos<sup>14</sup>.

Em 1945, a guerra acabou, mas a luta continuou para os portugueses. Em comícios, na rádio “Voz de España Combatiente”, Miguéis prosseguia, em nome do Comité Luso-Americano Pró-Democracia, a denúncia das prisões políticas de Salazar, a existência do Tarrafal, o “Dachau do fascismo português” e a falsa neutralidade do Ditador. Distribuía bofetadas aos “apaziguadores” que viam em Salazar um “ditador paternal” e se preparavam para o eternizar no poder e tomava, quase inevitavelmente, o partido do heroico povo soviético e dos seus líderes: em 20 anos de “gigantesco esforço”, tinham edificado, a partir do nada, um “mundo novo”, capaz de, através dos seus “soldados-operários”, derrubar a “máquina ciclópica de destruição posta em marcha pelo nazismo”<sup>15</sup>.

### **Exílio de um “estrangeirado”**

Apesar do contentamento descontente que fazia Rodrigues Miguéis anunciar saudades irreprimíveis de Portugal por um lado e um desconsolado e impossível retorno por outro, o que é um facto é que o escritor nunca voltou ao país em definitivo, tendo preferido morrer e ficar sepultado na sua terra de adoção.

No fundo, talvez as razões do não retorno coincidam com as razões que o levaram a demandar o Novo Mundo, como explica na já referida carta de 1959: “A carência de liberdade (não só política mas pessoal), a miséria, o falso luxo, a agitação vazia, a desordem nas ruas e nas almas (...) a amargura e a má-língua implacável, a humildade e a grosseria, o falso contentamento da mediocridade, o

---

<sup>14</sup> Cf. “Documentos sobre a tentativa de contato entre o Bureau Político do PCP e a I.C., em 1941”, Introdução e Notas de António Ventura. *Estudos Sobre o Comunismo*, Lisboa, n.º 1 (set-dez. de 1983), p. 23-30.

<sup>15</sup> BNP, Espólio n.º 132, *Political Activity in US*, Bobine 7.

“nacionalismo” acentuado, até nas esquerdas, a pressão no sentido de me fazerem participar na “conspiração bizantina” crónica (de que eu fugira) (...)”. Ou seja, não era só a “demagogia do revirinho” inconsequente que o afastava, mas também (talvez principalmente) os “velhos preconceitos e hábitos cavernícolas” que tinham mantido fora do país os estrangeirados de todos os tempos: “Este é o panorama prolongado de fracassos, opressões, exílios, suicídios, sufocações de toda a ordem que, de Damião de Góis a Camões, ao Judeu, o Cavaleiro de Oliveira e tantos outros – nos trouxe até aos desiludidos do séc. XIX”.

Saíra porque o país não lhe permitia a criação literária livre; saíra do país porque se recusava a conviver com a “demagogia reviralhista”, com a clandestinidade adotada pelos comunistas ou com o “contentamento medíocre” dos nacionalistas de todos os matizes. E muito menos com o convívio sacrificial imposto pelos fascistas.

Saber o por que não voltou após a Revolução de 25 de Abril, como fizeram tantos exilados, eis outra questão interessante no percurso deste exilado/estrangeirado. Mas esse será assunto para outra oportunidade.

### **Obras seleccionadas de José Rodrigues Miguéis**

*A Escola do Paraíso*. (8.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Editorial Estúdios Cor, 1960) Lisboa: Editorial Estampa, 1989

*O Milagre Segundo Salomé*. (4.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Editorial Estúdios Cor, 1975) Lisboa: Editorial Estampa, 2002. 2 vols.

*Gente de Terceira Classe*. (10.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Editorial Estúdios Cor, 1962) Lisboa: Editorial Estampa, 1987

*O Pão não cai do Céu*, (6.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1981) Lisboa: Editorial Estampa, 1989

*Gente de Terceira Classe*, (5.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Editorial Estúdios Cor, 1962) Lisboa: Editorial Estampa, 1990

*O Espelho Poliédrico*. Lisboa: Editorial Estampa, 1983

“José Rodrigues Miguéis, Exílio e Emigração”. *Peregrinação* (Revista das Artes e Letras de Expressão Emigrante), n.º 7 (jan.-mar.), n.º 8 (abr.-jun.); n.º 9 (jul.-set.); n.º 10 (out.-dez.)

## Bibliografia seletiva sobre José Rodrigues Miguéis

- ALVES, Ana Maria – “Miguéis Seareiro”. In *José Rodrigues Miguéis: Lisboa em Manhattan*. Lisboa: Editorial Estampa, 2001.
- COLÓQUIO LITERATURA E HISTÓRIA: PARA UMA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR [Registo sonoro]. Lisboa: Universidade Aberta, Departamentos de Língua e Cultura Portuguesa e de Ciências Humanas e Sociais, 2002 (CD).
- CORRESPONDÊNCIA ARQUIVADA, Prefácio e Notas de Taborda de Vasconcelos. Porto: [s. ed.], 1987.
- DUARTE, Maria Angelina – *Sociopolitical undercurrents in four Works by José Rodrigues Miguéis*. Minneapolis: University of Minnesota, 1980. Tese de Doutoramento.
- GARCIA, José Martins – “Gabriel: a máscara translúcida de Miguéis”. In *José Rodrigues Miguéis: Lisboa em Manhattan*. Lisboa: Editorial Estampa, 2001.
- LOPES, Óscar – “O Pessoal e o Social na Obra de Miguéis”. In *Cinco Personalidades Literárias*. Porto: Divulgação, 1961.
- MACHADO, Álvaro Manuel – “José Rodrigues Miguéis – O Milagre Segundo Salomé” [recensão crítica]. *Colóquio Letras*. Lisboa, n.º 34 (nov. 1976), p. 79-81.
- MARGARIDO, Alfredo – *A Introdução do Marxismo em Portugal*. Porto: Guimarães Editores, 1975.
- MARINHO, Maria de Fátima – *Um Poço sem Fundo. Novas Reflexões sobre Literatura e História*. Porto: Campo de Letras, 2005.
- MARINHO, Maria de Fátima (Org.) – *Literatura e História – Actas do Colóquio Internacional*. Porto: Faculdade de Letras do Porto, Departamento de Estudos Portugueses e Estudos Românticos, 2004.
- MARQUES, Teresa Martins – ““O Milagre Segundo Salomé”, de José Rodrigues Miguéis: a Construção de um Paralelismo Convergente, Introdução”. In MIGUÉIS, José Rodrigues – *O Milagre Segundo Salomé*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995.
- MARQUES, Teresa Martins – *O Imaginário de Lisboa na Ficção Narrativa de José Rodrigues Miguéis*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1996.
- MARQUES, Teresa Martins – *Leituras Poliédricas*. Lisboa: Universitária Editora, 2002.
- MEDINA, João – *José Rodrigues Miguéis, Cronista da Crise e Queda da Primeira República: o seu Milagre Segundo Salomé*. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2002.
- MIGUÉIS, José Rodrigues – *Catálogo da Exposição Comemorativa do Centenário do Nascimento*. Lisboa: s. ed., 2001.
- NEVES, Mário – *José Rodrigues Miguéis. Vida e Obra*. Lisboa: Editorial Caminho, 1990.
- PAIXÃO, Sofia de Oliveira – *O Percurso das Personagens em O Milagre Segundo Salomé, de José Rodrigues Miguéis: Liberdade e Identidade*. Lisboa: NOVA FCSH, . Dissertação de Mestrado [policop.].
- PITA, António Pedro – *Conflito e Unidade no Neorrealismo Português: Arqueologia de uma Problemática*. Porto: Campo das Letras, 2002.

SERRA, Ana Paula – *A sensibilidade de José Rodrigues Miguéis: Neorrealismo, Saudosismo e Exílio*. Nova Iorque: New York University (NYU), 1994. Tese de Doutoramento.

SOARES, Luísa Ducla (Texto e Organização) – *Lisboa de José Rodrigues Miguéis*. Lisboa: Edição da CML, 2001.

### **Artigos em revistas e jornais**

“Sobre os fins e a coragem nos meios de actuar”. *Seara Nova*, n.º 220 (18 de setembro de 1930), p. 58-61 e n.º 222 (2 de outubro de 1930), p. 87-90

“A Mensagem da Juventude”. *Gládio*, 31 de janeiro de 1935

José Rodrigues Miguéis por Manuel Cabanas



*Madison Square Garden, Boicote ao Nazismo, março de 1937*

